



CAPÍTULO 1

Educação e cidadania nos esportes



A oportunidade de aprender e praticar esportes desde criança, se bem aproveitada, forma cidadãos mais conscientes de seus direitos e suas responsabilidades.

Como vamos falar muito de esporte e cidadania, não custa lembrar o que é cidadania. Exercer a cidadania significa fazer parte da sociedade e dela participar de forma consciente e efetiva. E essa participação implica em direitos e deveres para todos. A cidadania é um vínculo entre as pessoas, o estado e a sociedade. Em outras palavras, o cidadão é aquele que goza plenamente seus direitos e contribui com a coletividade, cumprindo seus deveres.

No atual contexto da nossa sociedade, o exercício da cidadania fica, muitas vezes, comprometido. Há direitos que figuram apenas na Constituição, assim como há deveres que a maior parte da população ignora.

A prática esportiva, orientada por um professor aberto ao potencial educativo do esporte, pode ser um meio bastante eficiente de levar crianças e jovens a ter noções duradouras de seus direitos e de suas responsabilidades como cidadãos.

Para o esporte, como instrumento de educação e cidadania, mais vale atrair um grande número de alunos para a prática dos exercícios físicos do que se empenhar em descobrir um campeão e gastar a maior parte de uma aula em trabalhos individuais com os mais dotados para o esporte. É fundamental, portanto, que os professores de Educação Física efetivem práticas pedagógicas, integradas ao processo educacional, de forma a permitir a construção de conhecimentos, atitudes, habilidades e valores por parte dos alunos. Também é essencial que considerem e respeitem as múltiplas dimensões motoras, históricas, fisiológicas, biomecânicas, lúdicas, competitivas e sociais de cada um, de modo a assegurar a inclusão de todos no grupo.

No setor educacional, o professor alemão Reiner Hildebrandt-Stramann, da Universidade Técnica de Braunschweig, defende a necessidade de o esporte transcender sua matriz tradicional e ser entendido como meio e não fim. O professor tece duras críticas à forma como são trabalhadas as aulas de Educação Física,

quando se negam as experiências dos participantes e se direcionam as ações didáticas no sentido de encurtar caminhos para o aprendizado das modalidades esportivas, reforçando as formas institucionalizadas do esporte-performance e de padrões motores determinados, com foco na competição.

Hildebrandt-Stramann nos lança o desafio de visualizar o homem que salta e não o salto em si, respeitando os alunos e seu repertório de experiências. Ele nos incita a entender o mundo do movimento dos envolvidos em nossas aulas para que, assim, possamos instigar em nossos alunos a consciência do seu fazer motor e social.

Para tanto, aponta alguns princípios pedagógicos de ensino que indicam:



Na prática esportiva como ferramenta de educação para cidadania, mais vale atrair um grande número de alunos do que investir em poucos campeões

1. a possibilidade de busca autônoma dos participantes pelos seus padrões de movimento, de modo que a exploração do problema resulte da experiência. Nessa busca, o professor deve assessorar os alunos com conhecimento suficiente para auxiliá-los;
2. na valorização do princípio da totalidade desde o início;
3. no uso de metáforas na informação verbal e
4. na criação e recriação de ambientes propícios à exploração da maior variedade possível de ações motoras.

Ao se reposicionar a prática da Educação Física na escola como um fenômeno social, espera-se que os alunos, ao término de suas participações, possam ser autônomos em relação aos conhecimentos e às ações tratados em aula, com possibilidades de transcendê-los.



O professor deve assessorar os alunos com seu conhecimento sobre o esporte, mas também permitir que explorem seus próprios movimentos

Direitos e deveres em nome do interesse coletivo

Como ficou claro na definição de cidadania, ela não inclui apenas direitos, mas também deveres. O esporte é um meio de experimentar isso, pois se suas regras não forem obedecidas pelos dois lados, haverá caos, e a diversão acabará, perderá a graça. É só observarmos um grupo de crianças jogando futebol na rua, sem a ingerência de adultos, para constataremos que elas próprias criam e seguem as regras, de modo que o jogo tenha uma ordem.

Uma coisa é pedir para os alunos abrirem os cadernos para copiar leis, regras, decorar preceitos teóricos a serem seguidos; outra é demonstrar a importância da organização na prática, em uma atividade esportiva, por exemplo.

Em um jogo de futebol, carregar a bola com a mão “não vale”, pois representa uma exceção, uma grande vantagem para quem a carrega. Por isso, há a punição da falta. E assim, da maneira mais direta e simples, aprende-se que as regras servem para todos e que as dificuldades (de se dominar e levar a bola com os pés) devem ser enfrentadas, sem trapaças. O esporte na escola vai, assim, assumindo o papel de promover a autoeducação com base num diálogo com a vida.

Obedecer às regras é um dever de quem quer participar da atividade esportiva, para com o adversário e para com os companheiros de equipe. O esporte, principalmente o coletivo, dá ao praticante essas noções muito claras: todos os participantes do jogo, como os cidadãos de uma sociedade, estão sujeitos a regras que precisam ser respeitadas. Todos fazem parte e são essenciais para o objetivo de realizar uma partida capaz de proporcionar interação e divertimento.

Sem bons reservas, por exemplo, uma equipe não tem fôlego para chegar à vitória. Sem bons adversários, ela não evolui. Sorte de quem tem adversários poderosos, pois sempre terá de esforçar-se mais para tentar superá-los. O espírito esportivo, presente em várias competições nas quais os contendores se cumprimentam antes e depois, deve ser estimulado pelo professor, qualquer que seja a modalidade de esporte.

Por que, em vez de reconhecer apenas os vencedores, não valorizar também, na mesma medida, aquele que joga limpo, segue as regras, pratica o *fairplay*? O professor pode fazer isso, atribuindo o mesmo reconhecimento ao primeiro colocado e ao participante de conduta mais elogiável. E assim, evidenciar a noção do esporte como ferramenta educativa por meio da qual o ser humano pode demonstrar suas habilidades e responsabilidades para consigo mesmo, para com os outros e em relação a seu meio.

Fazer parte de uma equipe é algo que motiva o atleta. Mesmo supercampeões olímpicos de modalidades individuais relatam sua alegria em conviver com outros atletas na Vila Olímpica, em representar um país, em sentir-se parte de um grupo, pois cada medalha conquistada conta para a classificação final da equipe.



EM RESUMO

O professor de Educação Física tem uma oportunidade ímpar de trabalhar o conceito de cidadania na prática e deve começar por respeitar cada criança ou jovem e seu repertório de experiências. O esporte pode ajudar o praticante a adquirir a noção de que todos fazem parte e são essenciais para o objetivo de realizar uma partida, com regras, mas também com diversão.



Inclusão ampla para o bem de todos

No aprendizado e na prática de esportes é fundamental ampliar o conceito de inclusão adotado na educação, atualmente. A inclusão esportiva não se refere apenas aos alunos com deficiência física, sensorial ou mental, mas a todo aquele que se sente excluído da prática esportiva, por qualquer motivo.

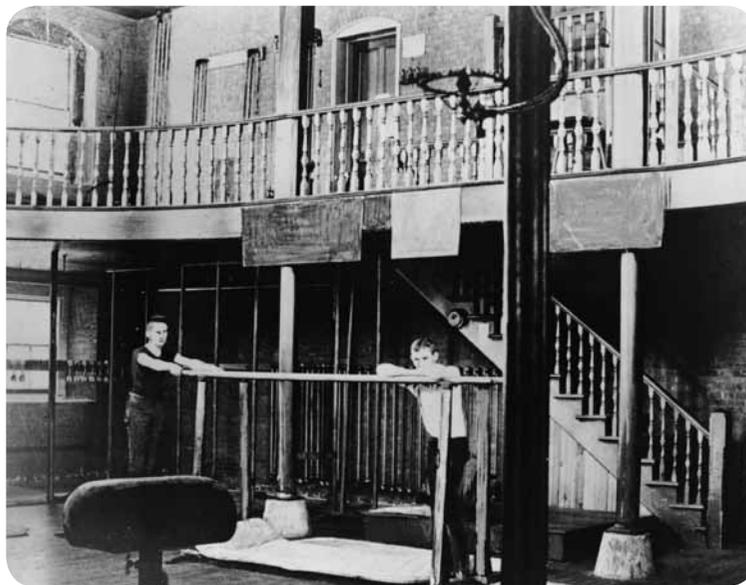
Há casos de pessoas que, mesmo com alguma limitação física, praticam esportes com desenvoltura e sucesso, enquanto outras – aptas, mas bloqueadas por algum tipo de inibição – evitam os jogos e o empenho físico. De maneira geral, o esporte que se reproduz na escola não é o esporte com ideais sociais e educativos. É, ao contrário, a reprodução do esporte rendimento, que leva poucos ao sucesso e muitos ao fracasso.

Como transformar a educação física escolar em uma experiência realmente inclusiva, que ajuda a criança e o jovem a superar problemas? São muitas as possibilidades. Uma delas é a aplicação de mais modalidades de expressões na ação corporal, como a dança, a caminhada, a ginástica, dando maior ênfase ao lazer, ao movimento como forma de expressar os sentimentos, do que à competição. Outros defendem que a ação pedagógica deve ser voltada para a recuperação do caráter lúdico do desporto na escola.

Entende-se ainda que a escola deveria criar uma cultura de esporte, interrompendo a reprodução das práticas de esporte hegemônicas. Haveria, então, espaço para a reinvenção do esporte na escola. Nesse caso, a possibilidade de mudança dependeria da atuação do professor: instruído por um projeto político-pedagógico, confrontaria os valores do esporte que o fazem excludente com os valores da participação, do respeito e do lúdico. A Educação Física estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais.

É importante para o professor destacar que seus alunos não precisam tornar-se campeões olímpicos. Em lugar de selecionar apenas os melhores para jogar, ele pode transformar a Educação Física em um leque de opções de atividades que ajudem a todos em sua formação e, assim, cada um será vencedor de si mesmo. É preciso que o professor seja criativo e incentive a criatividade de seus alunos para consolidar uma prática de atividades físicas inclusivas, na escola e na comunidade.

Sempre há oportunidades para inovar. Em 1891, o professor canadense James Naismith, então com 29 anos, recebeu um pedido de Luther Gulik, chefe do departamento de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Springfield, Massachusetts (EUA): criar uma modalidade esportiva para ser praticada em ambientes fechados, durante o inverno. Gulik deu para Naismith apenas duas semanas para criar o novo esporte.



Quadra de basquete construída em 1900, em uma escola de Springfield, Massachusetts (EUA), nove anos após a invenção do jogo pelo canadense James Naismith



Inventado em Birigui, interior de São Paulo, pelo professor de Educação Física Dario Miguel de Oliveira, o biribol se parece com um vôlei jogado na piscina

de São Paulo – surgiu o refrescante biribol. O esporte mais parece com um vôlei jogado em uma piscina de 8 x 4 metros, com 1,30 metro de profundidade. Criado na década de 1960, pelo professor de Educação Física Dario Miguel de Oliveira, hoje o biribol é praticado em diversos estados e há até um campeonato brasileiro da modalidade.

Mais uma história interessante é a do *bodyboarding* ou *bodyboard*, criado por acaso, em 1973, quando o surfista norte-americano Tom Morey caiu e uma onda enorme partiu sua prancha. Agarrado à metade que sobrou, Morey dirigiu-se à praia, percebendo que, por ser menor e mais leve, o pedaço permitia boas manobras. Ele fabricou as primeiras pranchas em fibra, depois em borracha, e patenteou seu esporte como Morey Boogie.

No Brasil, a modalidade foi introduzida nas praias cariocas por Marcos Cal Kung e João Manuel, em 1979. Por ter um grau de dificuldade menor e um aprendizado mais fácil, logo se tornou bastante popular e superou o surfe em número de pranchas vendidas, além de conquistar a preferência das garotas.

EM RESUMO

As atividades esportivas são um meio prático e inclusivo de levar crianças e jovens a compreender regras e reconhecer a importância dos direitos e deveres de cada cidadão para o bem comum. O professor que faz uso do esporte como ferramenta de educação para a cidadania não se concentra apenas nos alunos mais aptos para a competição, mas busca a participação de todos e reconhece quem pratica o *fairplay*. Juntos, com criatividade, mestres e alunos podem, inclusive, reinventar os esportes e criar novas formas de lazer e movimento, num exercício de transformação social.





Desafio: Crie um novo esporte

- Observe as características de sua região – clima, condições geográficas, habilidades naturais da população. Seria possível aproveitar as particularidades locais para criar uma modalidade esportiva que possa ser praticada por homens e mulheres, de várias idades e tipos físicos, sem envolver riscos? O novo esporte tem chances de tornar-se popular?

Como muitas cabeças pensam melhor do que uma, que tal assumir esse desafio com a ajuda dos alunos?

Exemplos de superação

O espírito de superação perdura como um dos valores morais mais preciosos do esporte. É um termo recorrente na história de atletas de todas as partes do mundo, nas mais variadas modalidades esportivas. O que faz um atleta romper barreiras, alcançando o que às vezes parece ser impossível, é um conjunto de fatores técnicos, físicos, materiais e psicológicos que, quando bem trabalhados, ampliam muito os seus limites. Vamos conhecer alguns casos?

Ray Ewry, o precursor da ginástica isométrica

Aos 12 anos, o norte-americano Raymond Clarence Ewry, da pequena cidade de Lafayette, Indiana, contraiu poliomielite. Vivia-se o ano de 1885 e a medicina não tinha qualquer recurso contra a doença. Os pais de Ewry foram avisados de que o filho jamais andaria novamente. Mas Ray não aceitou a derrota. Por sua conta criou uma série de exercícios físicos baseados na contração do músculo sem movimento, o que veio a ser a base da ginástica isométrica (que promove a definição dos músculos).

Após cinco anos de cadeira de rodas, Ray Ewry não só voltou a andar, como se tornou fanático pelo exercício físico. Inscreveu-se para as provas de salto parado na Olimpíada de Paris, em 1924, e ganhou as três. Repetiu o feito em Saint Louis e ainda ganhou mais duas em Londres, entrando para o rol dos grandes campeões olímpicos, com oito medalhas de ouro! Tornou-se conhecido popularmente como “o homem borracha”.



A poliomielite não impediu Ray Ewry de praticar atletismo. Aqui ele vence uma prova de salto em altura nos Jogos Olímpicos de 1908, em Londres



.....
A primeira experiência de Oscar Schmidt com o basquete, aos 7 anos, foi terrível. Só aos 13 anos ele aprendeu a ter confiança em si mesmo e se apaixonou pelo esporte
.....

estabeleceu 67 recordes mundiais de natação. Depois ficou famoso como astro de cinema, interpretando o vigoroso Tarzan em 12 filmes e o personagem Jim das Selvas em um seriado de TV.

Murray Gordon foi atingido na coluna e então começou a vencer

A história do neozelandês Murray Gordon tinha tudo para ser triste. Sua vida poderia terminar quando, ao praticar rugby, foi atingido nas costas por um adversário. Sua coluna vertebral ficou bastante prejudicada e ele perdeu os movimentos do braço esquerdo. Além de recomendar um longo tratamento para que ele andasse e recuperasse os movimentos, seu médico o proibiu de voltar a praticar esportes com contato físico. A partir daí, para extravasar energia, começou a correr.

Destacou-se em provas na Nova Zelândia e surpreendeu os favoritos ao conquistar a medalha de ouro na prova de 5 mil metros na Olimpíada de Roma, em 1960. No ano seguinte, bateu três recordes mundiais (duas milhas, três milhas e revezamento 4 x 1 milha). Em 1963, aos 30 anos, Murray Gordon abriu uma empresa para ajudar crianças com deficiência.

Oscar Schmidt, de excluído a maior cestinha do mundo

A primeira experiência de Oscar Schmidt com o basquete, aos sete anos, foi terrível. Como já era muito alto para a idade, seus pais o inscreveram para praticar o esporte na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) de Natal (RN). Sem paciência, o professor vivia criticando os garotos e colocou um apelido pejorativo em Oscar.

Só quando se mudou com a família para Brasília, aos 13 anos, e foi jogar no clube Unidade Vizinhança, Oscar apaixonou-se pelo basquete. Lá encontrou os técnicos Zezão e Laurindo Miura e com eles aprendeu a ter confiança em si mesmo e amor pelo esporte. A eles Oscar credita seu sucesso como atleta.

Johnny Weissmuller, o menino raquítico virou o mais famoso Tarzan

Filho de um mineiro austríaco pobre que se mudou para Illinois, Estados Unidos, Johnny Weissmuller foi um menino raquítico. Tinha problemas respiratórios e reflexos tão lentos e descoordenados que só foi pronunciar a primeira palavra aos seis anos. Começou a natação por recomendação médica e acabou se tornando o nadador mais rápido do mundo, o primeiro a nadar os cem metros em menos de um minuto. Ganhou cinco medalhas de ouro em Jogos Olímpicos e



Idade não foi obstáculo para Carlos Lopes

Os críticos previam grandes vitórias para o atleta português Carlos Lopes, após a conquista do título mundial de *cross-country* (uma corrida em terreno acidentado, com obstáculos naturais) e da medalha de prata na prova de 10 mil metros na Olimpíada de Montreal, em 1976. Mas um ano depois, já com 30 anos, ele rompeu o tendão de Aquiles e muitos o deram por acabado.

Ele ficou cinco anos sem correr, e então resolveu voltar com a ajuda de um tratamento com acupuntura. Em 1982, aos 35 anos, venceu a prova de São Silvestre, em São Paulo. Em 1984, aos 37 anos, era o mais velho dos 106 atletas a largar na maratona dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles. Apesar do calor, disparou nos últimos quatro quilômetros para se tornar o primeiro português a ganhar uma medalha de ouro em uma Olimpíada.

EM RESUMO

Com criatividade, dedicação e persistência, é possível contrariar prognósticos médicos pessimistas e superar limites para alcançar uma marca desejada. As experiências esportivas podem nos ajudar a superar obstáculos, a cooperar com os companheiros, a desenvolver autocontrole e a persistir diante da derrota.

PARA SABER MAIS

Ginastas do Pará

Crianças e jovens de 12 a 17 anos, de Belém do Pará, em demonstrações de ginástica olímpica em um piso de serragem: <http://www.youtube.com/watch?v=NaWG7T6rLFo> (vídeo postado no YouTube em 15/01/2009)

Malabaristas do Maranhão

A habilidade de três garotos pobres do Maranhão com uma bola de futebol http://www.youtube.com/watch?v=8fS_ArOj2Wo (vídeo postado no YouTube em 04/03/2011)

Um sonho possível

(*The Blind Side*, EUA, 2009) Filme longa metragem da Warner Bros, dirigido por John Lee Hancock. É baseado na história real de Michael Oher, um rapaz negro sem-teto adotado por uma família rica que se transforma num grande jogador de futebol americano, graças à ajuda dos familiares e do treinador de sua escola. Trailer legendado: <http://www.youtube.com/watch?v=ObL tq864oPk>

CONSULTE O KIT PEDAGÓGICO

Este capítulo está relacionado ao **Plano de Aula 1** e às **Fichas de Atividades 1** (Esporte e respeito à diversidade), **2** (PET *in bol*, um novo esporte), **9** (Capoeira como meio de inclusão social) e **12** (A prática esportiva para deficientes)